

ENSINO DE HISTÓRIA E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL

Sadraque Micael Alves de Carvalho¹

RESUMO

Essa comunicação visa expor os resultados de uma pesquisa cujo objetivo consistiu em discutir a relação entre os conteúdos da história local em Mossoró e a memória oficial da cidade, difundida pelo poder público municipal. Por meio de questionários aplicados aos alunos das escolas municipais de Ensino Fundamental identificamos a forte presença da história/memória oficial da cidade nesses dados. Assim, destacamos a maneira como os alunos explicitam os conteúdos da história local que já estudaram. A análise destas respostas aponta para uma possível fragilidade dessa identidade homogeneizante, que o poder local tenta difundir através de mecanismos de (re)memoração.

PALAVRAS-CHAVE: história local, memória, identidade

ABSTRACT

hat text has for goal to expose the results of a research whose objective consisted of identifying the relationship among the contents of the history of Mossoró, transmitted by the school, and formation of the local identity. Through the applied questionnaires to the students of the 9° year of th e municipal schools of Fundamental Teaching identified to strong presence of the History/Official Memory of the city in the answers of those subjects. Like this, we detached the way for the which the students they mention the contents of the local history that already studied. The analysis of these answers evidences the fragility of that identity to homogenize, that the local power tries to diffuse through mechanisms of remembrance.

WORD-KEY: local history, memory, identity

O interesse em investigar a elaboração e a difusão de uma história oficial em Mossoró se consolidou como objeto de pesquisa no final da década de 1990. Pesquisadores como Paiva Neto, Emanuel Braz e Lacerda Felipe constituem ícones de uma intelectualidade que tem trabalhado no sentido de mostrar como uma elite política, a família Rosado, se apropria e ressignifica fatos da história local em Mossoró, difundindo a partir de então uma memória histórica desejável, permeada por uma ideologia que os servem na manutenção do poder político. Essa memória se reflete nos símbolos e nos festejos organizados pela Prefeitura, como o *Chuva de Bala no País de Mossoró*, *Auto da Liberdade*, e o *Cortejo da Liberdade*.

De acordo com Paiva Neto, a ideologia do pioneirismo, do desenvolvimentismo, do progressismo e do humanismo telúrico, veiculada através dos discursos oficiais, é elaborada a partir da reinterpretação dos fatos históricos – temas fundadores – pelos Rosado. Esta família

¹ Graduado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

é vista então como dirigente da organização da cultura oficial mossoroense. “Os temas fundadores são fundamentais à compreensão do projeto desenvolvido pelos Rosado de constituir, enquanto intelectuais e participantes ativos da política partidária mossoroense, bases identitárias para si e para população.” (PAIVA NETO, 1997. p.4)

Os chamados temas fundadores são na verdade fatos da história local que o poder municipal se esforça em consolidar como sendo a história de Mossoró. São eles, o Motim das Mulheres, a Abolição da Escravatura, a Resistência ao bando de Lampião, e o Voto Feminino de Celina Guimarães. Estes são os sustentáculos da memória oficial, ‘a mitologia do país de Mossoró’, difundida pelo executivo municipal através de múltiplos espaços, como monumentos públicos, festas cívicas, obras literárias, além da própria escola.

A pretensão do referido grupamento é a utilização da história, da memória do lugar e dos seus mitos para, através desse imaginário coletivo, elaborar o seu imaginário político, que vai fornecer o conteúdo do seu discurso e os elementos para firmar a idéia de que não são ‘proprietários’ do território – mas pertencem a um ‘lugar’, que vai ser exaustivamente imaginado até ser transformado em um ‘país’ – o ‘país de Mossoró’. (FELIPE, 2001. p.29).

Podemos notar que estes trabalhos estão centrados nas práticas e veículos que legitimam e difundem as memórias oficiais, sendo que a valorização da história de Mossoró, empreendida pelos Rosado, é vista como um projeto político-ideológico. Não obstante, pouco sabemos acerca dos efeitos que essa política de invenção de identidade surte nas pessoas comuns, as quais o poder municipal anseia tocar. Esta lacuna acaba por justificar a nossa pesquisa, tendo em vista que estas obras convergem para a seguinte perspectiva: “o país de Mossoró, mais que uma ficção, é o fundamento do *genius loci* de Mossoró, para o bem ou para o mal” (FELIPE, 2001. p.11).

Desta forma, há que se investir em estudos que problematizem não apenas a produção, mas igualmente o consumo dessa memória, haja vista que

Ler, olhar ou escutar são, efetivamente uma série de atitudes intelectuais que – longe de submeterem o consumidor à toda-poderosa mensagem ideológica e/ou estética que supostamente o deve modelar – permitem na verdade a reapropriação, o desvio, a desconfiança ou resistência (CHARTIER, 1990. p.59 e 60).

Tendo isso como base, realizamos uma pesquisa de caráter exploratório que teve por meta inicial identificar os conteúdos da história de Mossoró que estão presentes em sala de aula. A partir desta identificação procuramos relacionar esses conteúdos com a identidade local. A pesquisa foi realizada em cinco escolas da rede pública municipal de Mossoró, tendo como sujeitos estudantes matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental. Participou da pesquisa um total de 218 alunos.

O instrumento de coleta utilizado foi um questionário, no qual pedimos para que o aluno explicitasse os conteúdos da história de Mossoró que já havia estudado. Nas respostas concedidas identificamos uma forte presença de conteúdos da história oficial de Mossoró. O presente texto anseia tornar-se uma tentativa inicial de aproximação da contrapartida gerada pelas estratégias de criação e difusão de memórias oficiais. Aproximação de uma outra forma de produção, a dos consumidores.

De início, nos surpreendeu o fato de mais de 60% dos alunos responderem que o professor de história não costumava trabalhar conteúdos referentes à história local. Já entre os conteúdos estudados, o que mais aparece é o tema da Resistência dos Mossoroenses ao Bando de Lampião, presente em 92% das respostas. Em seguida aparece o tema da Abolição dos Escravos em Mossoró, citado por 7% dos alunos. Outros conteúdos estudados foram: o episódio conhecido como o Motim das mulheres, lembrado por 5,5% dos estudantes, e o Primeiro Voto Feminino, citado por 4,5% dos alunos. Foi citado também o surgimento da cidade e a emancipação política de Mossoró. O que faremos a seguir é um detalhamento do modo como esses estudantes se referem à história da cidade que já estudaram.

Na EMDF um aluno respondeu da seguinte forma: [o professor] “*falou sobre o tempo de Lampião*”. Outro aluno, desta vez na EMFM disse que já havia estudado os “*quatro atos de heroísmo em Mossoró*”. Nesta mesma escola, se considerarmos que a resposta acima remete à Resistência, podemos concluir que este conteúdo foi mencionado por 100% dos alunos, sendo que a menção a este fato apareceu em mais de 57% das repostas sob a expressão, *chuva de bala no país de Mossoró*. Igualmente, com a exceção da resposta acima, levando-se em conta que ela pode remeter também aos outros atos heróicos além da Resistência, no mais, podemos afirmar que o episódio da invasão do bando de Lampião à Mossoró foi apontado pelos alunos como o único fato da história local já estudado.

Na EMSB mais de 96% dos alunos apontaram a Resistência como conteúdo da história local já estudado. Não obstante, o termo específico resistência só aparece em 26,5% das respostas. Este evento foi especificado por meio de expressões do tipo, “invasão do bando de Lampião”, “Lampião e seu bando”, “história de Lampião”, “sobre Lampião”, - e uma especialmente estranha – “a resistência do bando de Lampião”, ou tão somente, “Lampião”.

Situação semelhante foi encontrada na EMMA, onde não houve nenhum caso em que o aluno utilizou o termo resistência para se referir a este evento. Em contrapartida, o nome do cangaceiro Lampião se fez presente em todas as respostas, sendo que nesses casos encontra-se desvinculado de qualquer ligação com Mossoró, com a exceção de apenas uma. Em sua resposta um aluno destacou “*a invasão de Lampião em várias cidades, principalmente em*

Mossoró, que foi a cidade que o derrotou”. Foi exatamente esta a única oportunidade que tivemos de identificar o discurso do pioneirismo da Resistência entre os sujeitos de nossa pesquisa. Vale salientar que a idéia de que foi Mossoró a primeira cidade a vencer Lampião é amplamente defendida e difundida pelo poder local

Na EMJB também identificamos a presença maciça de respostas em torno do ato da Resistência. Mais uma vez não houve uma especificação do termo resistência, porém, um aluno destacou que Lampião travou uma batalha em Mossoró. Quando questionado, ele responde: “a história de Lampião, os ataques que a cidade sofreu etc.”. Aqui, como nos demais detalhamentos que fiz dos resultados obtidos em cada escola, esse destaque pretende elucidar uma idéia que venho tentando esboçar, qual seja, as respostas dos alunos, em sua grande maioria, não elucidam que houve uma luta entre os cangaceiros e os mossoroenses, uma vez que os alunos responderam já ter estudado “Lampião”, “o bando de Lampião”, “sobre Lampião”, e “a história de Lampião”. De fato, no turno vespertino desta escola, dos dezoito alunos que disseram ter estudado conteúdos da história local, o nome do cangaceiro Lampião aparece em todas as respostas.

Mais uma vez o recurso estatístico nos oferece uma visão interessante: o total de alunos que não se referiu a nenhum dos quatro pilares da memória oficial equivale a apenas 5,6%. Uma quantidade mínima quando comparada à maioria de estudantes que se referiram a esses fatos privilegiados pelo poder público local, o que indica uma forte associação entre a memória local com a própria história local, de modo que uma parece ser sinônima da outra. Esta associação pode inclusive definir o próprio conceito da história de Mossoró: se não for algum desses temas não será considerado como história de Mossoró. Ora, o nome do cangaceiro Lampião foi citado em mais de 80,5% das respostas, somando as cinco escolas. As referências ao termo resistência aparecem em pouco mais de 10%. O nome de Lampião aparece desvinculado de quaisquer referências à Mossoró em 40% das respostas obtidas, ou seja, não aparecem nesses documentos idéias de que houve uma invasão, uma resistência, uma luta armada. O que é especificado nessas respostas não nos remete, através apenas das palavras, a um quadro de guerra.

Sabemos que o ensino da história, organizado na forma de disciplina escolar, pode ser visto como parte do conjunto de estratégias oficiais destinadas a formar uma identidade nacional homogênea, tendo por base o Estado nacional. Tal projeto deveria resultar na formação de cidadãos cívicos e patriotas. Podemos entender que forjar um passado nacional comum para a sociedade brasileira foi uma marca característica da disciplina de história no Brasil, respeitadas as singularidades de cada época.

Devido ao tamanho dessa ambição não coube somente à disciplina de história a tarefa de consolidar essa identidade nacional patriótica. Investigando a construção da memória histórica nacional durante as primeiras décadas da República, Bittencourt analisa o papel desempenhado pelas festas cívicas neste projeto, quando são comemorados eventos e homenageados os heróis nacionais. Em sua opinião essas “tradições nacionais” são responsáveis também pela cristalização de uma “memória histórica desejável” (BITTENCOURT, 2006 p.43-72).

De acordo com Bittencourt, a escola detinha um importante papel na construção da memória nacional. Porém, não era vista como suficiente. Daí a necessidade dos festejos cívicos, bem como as conseqüentes práticas destes rituais – culto a bandeira, cantar os hinos da nação – dentro da própria escola. Em Mossoró temos uma situação semelhante, uma vez que há uma participação maciça dos estudantes na realização dos espetáculos teatrais, *Chuva Bala no País de Mossoró* e principalmente no *Auto da Liberdade*.

Sobre este aspecto em particular, houve um caso interessante. Na EMJB, um aluno citou como conteúdos estudados, “libertações dos escravos, o bando de Lampião, Celina Guimarães, sobre o 30 de setembro, a revolução das mulheres”. Associamos estas palavras aos quatro fatos históricos que compõem a memória oficial, encenados no espetáculo *Auto da Liberdade*. Vale salientar que com a exceção deste aluno e de outro, que afirmou ter estudado alguma coisa relacionada ao cangaço, os demais estudantes disseram que o professor não costumava tratar de assuntos da história local. Portanto, foi o único da turma, e um dos poucos do total entrevistado, que se referiu aos quatro pilares da história local. É válido dizer que este aluno estava participando do espetáculo *Auto da Liberdade*. Talvez seja aí onde reside a explicação para ter citado os quatro fatos históricos. Note-se que não foi especificado o episódio do primeiro voto feminino, o nome da personagem Celina Guimarães aparece desvinculado do fato o qual faz parte. Na EMSB, um aluno mencionou este fato histórico, dizendo que o seu professor falou sobre a “mulher que votou pela primeira vez”. Aqui, é o nome da personagem que não aparece. De fato, os grandes personagens da história de Mossoró não foram lembrados de forma significativa pelos alunos, o que nos leva a pensar que os estudantes não parecem se identificar com esses vultos do passado. Ora, a professora Celina Guimarães Viana, famosa por ter sido a primeira mulher em toda a América Latina a exercer o direito de voto, uma autêntica heroína de Mossoró na visão oficial, teve o seu nome lembrado por apenas um aluno. Os heróis da abolição da escravatura em Mossoró, assim como a personagem principal do *Motim das Mulheres*, Ana Floriano, não tiveram seus nomes lembrados de forma alguma pelos estudantes. E até mesmo os heróis da Resistência, de longe

o fato mais lembrado pelos alunos, se encontram no mesmo patamar, ou seja, o eventualismo também ajuda a minar a participação de sujeitos históricos, até mesmo os vultos.

Enquanto o nome de Lampião foi citado por mais de 80% dos alunos, o prefeito de Mossoró, Rodolfo Fernandes, responsável pela defesa da cidade e considerado o grande herói da Resistência, foi lembrado por apenas um aluno. Desta forma, Rodolfo Fernandes e Celina Guimarães estão empatados com Maria Bonita, todos estes citados uma única vez e por alunos distintos.

Esses dados elucidam a fraca lembrança dos alunos quanto aos nomes dos grandes vultos da história de Mossoró, e podem querer indicar a fragilidade dessa identidade homogênea, que é produzida por meio do enraizamento de uma memória histórica desejável. Pelo que podemos perceber, a relação entre a história local, ensinada nas escolas, e o projeto de institucionalização de uma identidade local única, por meio dos festejos comemorativos, parece ter pontos em comum com a situação analisada por Bittencourt. A história local presente no imaginário dos alunos, parece consistir em uma memória histórica desejável. Essa condição, como nos lembra o professor Fabiano Mendes, representa um risco para própria história, pois:

a memória local, mais que a história local, precisa de vultos, de poderosos inimigos derrotados, precisa da sagacidade dos homens bons (que geralmente são ricos em várias instâncias), precisa de monumentos de vitória e do repisado constante dos grandes feitos passados, precisa apagar dos arquivos a rala ralé, os conflitos não podem ser trazidos para o presente, devem pertencer a um passado atemporal, mítico, quando ainda se pelejava pela formação adequada que se tem de manter. (MENDES, mimeo p.3)

São essas as necessidades e as exigências da memória, que através de estratégias cotidianas de ressignificação pode chegar a tomar o lugar da própria história. Em razão disto pensamos que o trabalho com as representações acerca da história de um modo geral merece destaque na produção historiográfica, uma vez que

identificar as representações que os estudantes fazem a respeito de determinados temas históricos poderá contribuir tanto para elucidar as bases sobre as quais vem se estruturando seus imaginários e suas identidades sociais, quanto para identificar as relações que essas guardam com o ensino de História e com seus universos sócio-culturais. (SIMAN, 2001. p.151).

Desta forma pensamos que o tema aqui tratado longe de esgotado merece pesquisas que contemplem o consumo das histórias. Consumo este realizado por sujeitos comuns, que se apropriam dos espaços, lhes atribui significados diversos, dando-lhes vida, e acabam por fim reinventando o lugar.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *As Tradições Nacionais e o Ritual das Festas Cívicas*. IN. PINSKY, Jaime. *O Ensino de História e a Criação do Fato*. São Paulo: Contexto, 1997.
- BRAZ, Emanuel Pereira. *Abolição da Escravidão em Mossoró – Pioneirismo ou Manipulação do Fato*. Mossoró, RN: Fundação Vingt-um Rosado, 1999.
- CARVALHO, Sadraque M. de, CUNHA, André V. C. Seal da. *História local em Mossoró: entre a memória e a história*. In. *História e historiografia: entre o nacional e o regional*. ANPUH-PB. ISBN: 978-85-8964-67-6.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- FELIPE, José Lacerda Alves. *A (re)invenção do lugar: os Rosados e o “país de Mossoró”*. João Pessoa, PB: Grafset, 2001.
- FONSECA, Thais Nivia de Lima SIMAN, Lana Mara de Castro. (Orgs) *Inaugurando a História e construindo a nação: discursos e imagens no ensino de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MENDES, Fabiano. *Sobre história local: aspectos teórico-metodológicos*. Mimeo.
- PAIVA NETO, Francisco Fagundes de. *Mitologias do “País de Mossoró”*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Natal-RN, 1997.